

EXPERIÊNCIAS DE SOLIDÃO ACADÊMICAS NEGRAS JOVENS ADULTAS VINCULADAS A UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL DO BRASIL

Vanessa Dutra Chaves¹
Stefanie Griebeler Oliveira²
Marina Soares Mota³

Resumo: O estudo analisa a solidão vivenciada por mulheres negras no ambiente acadêmico, em consonância com a ideia de "máscara do silenciamento" de Grada Kilomba. Uma pesquisa, realizada por meio de questionários, revelou a exclusão, a falta de representatividade e a constante necessidade de validação das capacidades dessas mulheres. Os participantes relataram a sensação de reclusão, falta de pertencimento e deficiência de representatividade de professores e colegas negros. Sentimentos de invisibilidade, não sendo escutados e a exigência de um esforço extra para provar suas habilidades foram recorrentes. Além disso, mencionaram a exclusão em interações sociais e a sensação de não serem vistas como atraentes. Os resultados enfatizam a urgência de transformar os espaços acadêmicos, não apenas no acesso, mas na inclusão e acolhimento efetivo das mulheres negras. A representatividade se mostra crucial para oferecer apoio emocional e compreensão às suas experiências singulares. Mudanças estruturais são essenciais para desafiar estereótipos, eliminar a exclusão e criar um ambiente onde suas vozes sejam valorizadas. Assim, o estudo ressalta a necessidade de enfrentar o racismo estrutural e o sexismo nas instituições acadêmicas.

Palavras-chave: Solidão, Mulheres Negras, Ambiente Acadêmico, Exclusão Social.

EXPERIENCES OF ACADEMIC LONELINESS IN YOUNG BLACK ADULTS LINKED TO THE UNIVERSITY OF THE FAR SOUTH OF BRAZIL.

Abstract: The study examines the loneliness experienced by Black women in the academic environment, in line with Grada Kilomba's concept of the "mask of silencing." A survey conducted through questionnaires revealed exclusion, lack of representation, and the constant need for validation of these women's abilities. Participants reported feelings of seclusion, a lack of belonging, and the absence of representation of Black professors and peers. Feelings of invisibility, not being heard, and the requirement of extra effort to prove their skills were recurring themes. Moreover, they mentioned exclusion in social interactions and a sense of not being seen as attractive. The results emphasize the urgency of transforming academic spaces, not only in terms of access but in the effective inclusion and embrace of Black women. Representation proves crucial in providing emotional support and understanding their unique experiences. Structural changes are essential to challenge stereotypes, eliminate exclusion, and create an environment where their voices are valued. Thus, the study highlights the need to confront structural racism and sexism in academic institutions.

Keywords: Loneliness, Black Women, Academic Environment, Social Exclusion.

¹ Mestranda em Enfermagem – UFPEL.

² Doutora em Enfermagem e docente da UFPEL.

³ Doutora em Enfermagem e docente da UFPEL.

1. INTRODUÇÃO

As mulheres negras no Brasil têm sido agentes fundamentais na construção social, cultural e econômica do país, porém, enfrentam historicamente uma interseção de discriminação racial e de gênero. Suas contribuições muitas vezes foram marginalizadas e sua luta por igualdade de direitos e reconhecimento tem sido constante.

Muitas estudantes negras enfrentam o desafio da “melhora de vida” que é incentivada através do percurso acadêmico – tal fato esbarra no acesso ao conhecimento científico. A dificuldade financeira que a população negra em sua maioria enfrenta tem uma causa social histórica, que ainda carece de muitas reparações. Todavia, um destes mecanismos de reparação é o sistema de cotas sociais/raciais. Lidamos com os impactos de se perceber negro a cada instante vivenciado dentro da universidade, percebendo assim opressões sofridas não apenas nela, mas também fora dela (ROSÁRIO, 2020).

A restrição ao acesso educacional, produto do racismo estrutural, negocia às pessoas negras a oportunidade de estudo, relegando-as aos trabalhos desqualificados e braçais, perpetuando um ciclo de pobreza que dificulta a mobilidade social. A educação, principal via de ascensão para a população negra, tem sido limitada, mas as cotas raciais têm se destacado como uma estratégia eficaz na busca pela justiça e acessórios sociais.

De acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) (2020), há um maior ingresso de estudantes por meio de vagas reservadas, pela Lei de Cotas: de 13% em 2012, para mais de 39% em 2017. Apesar do aumento do número de pessoas negras matriculadas no ensino superior, em 2017, a população negra ainda correspondia a 32% das pessoas com ensino superior completo. É válido ressaltar também que a maior parte desta porcentagem é em instituições privadas e que grande parte dessas pessoas negras não completam a graduação.

O esforço para que a população negra se aproprie do espaço acadêmico torna-se coletivo, não apenas por ser um espaço historicamente negado, mas também pela necessidade de quebrar o paradigma de um espaço inalcançável. Surge também a necessidade de que, as pesquisas realizadas nesses espaços se aproximem da realidade e vivências daqueles que são vistos apenas como objeto de pesquisa, e não como interlocutores e capazes de falar por si mesmos (GOMES; MIRANDA, 2014).

Por isso, expõem-se, as mazelas do racismo estrutural brasileiro, pois na concepção mais ampla sobre o ensino, refletimos sobre como são os discursos que constituem a construção da carreira de mulheres negras alunas da graduação. Isso é inacabável e passa por diferentes dimensões cotidianas. É preciso encarar que mulheres negras são alvos do racismo entranhado em diversas esferas políticas, econômicas e sociais. Racismo que no dia-a-dia agride e assassina mulheres negras, mas não as silencia (PEREIRA; PEREIRA, 2021).

Frente ao exposto, a questão disparadora deste trabalho foi: Quais as formas experienciadas de solidão no ambiente acadêmico em mulheres negras acadêmicas jovens adultas vinculadas a uma universidade federal do extremo sul do Brasil? O objetivo desta pesquisa é conhecer a experiência de solidão no ambiente acadêmico. Esta motivação surgiu por pertencer ao nicho do qual eu me encontro – mulher negra jovem adulta que sente solidão em um ambiente acadêmico.

A solidão é compreendida como uma experiência que pode ser vivida de forma individual, coletiva ou em comunidade, construída através de aspectos históricos, políticos ou sociais. Raça e gênero são atravessamentos que provocam o distanciamento na constituição de relacionamentos/afetos em detrimento das opressões estruturais que atravessam sujeitos no qual o outro determina se a pessoa é digna de ser escolhida ou de investimento afetivo (SOUZA, 2008). A pensadora bell hooks (1995), em seu artigo “Intelectuais Negras” traz que as mulheres experienciam o ambiente acadêmico a solidão e que são incapazes de produzir trabalhos intelectuais.

Para entender melhor o fenômeno da solidão da mulher negra no ambiente acadêmico se utilizou a pesquisa do tipo qualitativa com 22 participantes, mulheres negras e jovens adultas. Para participar do estudo era preciso estar estudando em curso de graduação da referida universidade, se declarar negra (preta/parda), entrar na faixa etária dos 20 á 24 anos e falar português. O formulário foi estruturado em uma entrevista semiestruturada, no *Google Forms*. A coleta ocorreu em setembro de 2022. Após o período de coleta de informações, foi acessado o arquivo de Excel, recurso disponível do *Google Forms* para início da análise dos dados a partir de outubro de 2022.

A pesquisa seguiu os preceitos éticos da resolução nº 30 564/2017 do Conselho Nacional do Ministério da Saúde e as orientações do Ministério da Saúde (2021), por meio do ofício circular nº2/2021/CONEP/SECNS/MS. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi disponibilizado no início do formulário google, e se a mesma tivesse dúvidas a respeito da pesquisa, poderia entrar em contato por telefone ou e-mail da pesquisadora. A concordância em participar da pesquisa, se deu pelo preenchimento dos dados e aceitação do TCLE. As questões do *google forms* foram obrigatórias, mas foi garantido o direito da participante de não responder à pergunta, sendo então orientada então a escrever “xxx”, por exemplo. Para garantia da confidencialidade, as participantes do estudo foram identificadas com nomes fictícios de sua escolha. Este poderia ser ~~entre-o~~ nome de uma mulher negra que marcou a história, podendo ser ela intelectual ou artista pop ou outra figura influente.

2. DESENVOLVIMENTO

Os dados produzidos passaram por análise temática proposta por Minayo (2013), onde na primeira fase exploratória, é realizado o mapeamento da investigação das determinações fundamentais do estudo. Após o segundo momento acontece a fase interpretativa dos dados, onde é realizada a interpretação dos dados coletados, ordenando e analisando os dados. A terceira fase compreende o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, consiste em captar os conteúdos manifestos e latentes contidos em todo o material coletado. Os conceitos utilizados para analisar as informações de solidão da mulher negra no ambiente acadêmico utilizado preferencialmente o referencial de mulheres negras referências da luta antirracista tais quais: bell hooks, Djamilia Ribeiro, Grada Kilomba, dentre outras.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES

Participaram do estudo 22 meninas negras, destas 3 se autodeclaram pardas, 14 se autodeclaram pretas e 5 se autodeclaram negras. Estas possuíam a variação de idade de 18 á 24 anos sendo: 7 de 24 anos, 5 de 22 anos, 4 de 21 anos, 4 de 20 anos e 2 de 23 anos. Dezenove participantes residiam com outras pessoas, estas pessoas eram seus pais, irmãos e algumas com colegas e/ou outros estudantes da universidade. Apenas 3 alunas residiam sozinha. Dessas alunas 6 eram do curso de graduação de enfermagem, 2 do curso de nutrição, 2 de psicologia, as demais cada uma do curso de educação física, engenharia de computação, economia, relações internacionais, jornalismo, artes visuais, pedagogia, licenciatura em pedagogia, direito, dança licenciatura, medicina e meteorologia.

2.2 PERCEPÇÕES ENQUANTO GRADUANDA NEGRA NOS ESPAÇOS DA UNIVERSIDADE

Algumas acadêmicas relatam sentirem-se acolhidas e nunca terem passado nenhuma situação constrangedora dentro do ambiente acadêmico. Uma delas também relatou a universidade é um local de liberdade, onde ela pode sentir-se ela mesma e que no mesmo local é possível encontrar grande diversidade de fenótipos e características:

“Dentro da faculdade de educação me sinto muito acolhida, nunca passei por nenhuma situação constrangedora, mas em outra universidade já me senti acanhada de dialogar sobre questões raciais” (Eva Moura, 22 anos).

“em uma aula sobre diversidade cultural e miscigenação senti que podia contar com alguns professores caso alguma coisa acontecesse, nos ônibus de apoio da faculdade quando vejo mais estudantes negros me sinto acolhida” (Viola, 20 anos).

“Eu me sinto sendo "eu". Acredito que o meio universitário é o lugar onde me sinto mais a vontade de estar, visto que existe pessoas de todas as raças, com estilos diferentes, cabelos diferentes, jeito de vestir diferente.” (Zezé Motta, 22 anos).

É importante que o espaço universitário se fazer acolhedor para todo e qualquer tipo de pessoa que vem adentrar neste ambiente. Costa (2021) dialoga sobre permanência no ambiente acadêmico, e pontua a formação de vias para que o estudante se sinta pertencente, reconhecido e um parte do corpo político e social do ambiente. É necessária

uma universidade mais justa, diversa, inclusiva e sobretudo democrática, mas para termos esta, precisamos assumir a cada dia os desafios que se impõem à instituição.

Destaca-se a importância de coletivos para a negritude acadêmica:

“As situações de empoderamento junto ao Coletivo” (Ivone Lara, 24 anos).

É possível afirmar que os coletivos auxiliam na emancipação individual, cuja busca é ter domínio sobre a própria vida. Por meio da conscientização, o indivíduo tem a possibilidade de deter as suas próprias opiniões e decisões.

Os projetos de pesquisa e extensão são essenciais para que haja avanço sobre questões críticas e minimização de tensões existentes dentro e fora do ambiente acadêmico. Ele é essencial pois propõe o entendimento e produção de conhecimento sobre a realidade da população negra brasileira, suas diversas faces e as mudanças dos contextos opressivos ao longo da história. Além de analisar criticamente a reprodução de racismo e outros preconceitos em todos os ambientes dos quais estamos inseridos (SILVA; SOARES, 2021).

O sentimento de “sentir-se única” de maneira negativa foi citado por algumas mulheres, mas também se nota que por mais que este sentimento ocorra por alguns momentos é possível avaliar que as mesmas afirmam que o perfil da universidade está se alterando:

“Sempre tem a sensação de ser a única visto que eu estudo na leiga, um campi majoritariamente branco. Os quadros nas paredes retratam essa cena, os corredores, tudo. O curso de psicologia foi aumentando gradativamente o número de alunos negros e eu pude viver isso quando fui veterana, lembro de olhar pra turma dos bixos - que tem muito mais negros do que a minha - e ficar muito feliz. Tem também as jornadas do Eleeko, que é um momento de afago no meio disso tudo” (Dandara dos Palmares, 24 anos).

“Como citei anteriormente, não vivenciei nenhuma situação negativa na universidade. Muito pelo contrário, me sinto acolhida, e bem dentro dos espaços. O que eu vejo, é um estereótipo dentro de alguns cursos, inclusive do meu, mas vejo isso mudando constantemente. Mas ainda sim, é algo bem presente, um padrão de mulheres brancas em determinados cursos, principalmente dentro da área da saúde” (Djamila Ribeiro, 21 anos).

“Meu curso a maioria são homens, e pouquíssimos negros. Caso eu me forme no tempo regular seria a primeira mulher negra a se formar no curso. O que é muito positivo pela representatividade e muitonegativo por ter 12 anos e isso nunca ter acontecido”. (XXXXXXX, 21 anos).

É possível perceber com o discurso das meninas que o ambiente acadêmico está alterando seu perfil de alunos dentro da universidade. Mas ainda existe um estereótipo de aluno padrão dentro deste ambiente.

Em estudo em que pesquisadores negros, Rodrigues e Cardoso (2021), refletem sobre o mercado de trabalho no campo empresarial nos trazem que há muitas décadas de reivindicação que configuraram o pós-abolição e as resistências diversas durante a escravidão, sendo um dos pontos a educação como elemento de inclusão e possibilidade de mobilidade social ascendente. As características da estrutura social marcada tanto pelo

racismo quanto pelo patriarcado impactam as organizações reproduzindo hierarquizações que resvalam em discriminações caracterizadas pela interseccionalidade de preconceitos, a saber: de gênero, etários, de condições físicas e/ou mentais e geográficos.

Houve momentos que para umas das acadêmicas o processo de solidão dentro da universidade ocorreu de maneira tão forte que a mesma não conseguiu socializar e este fato acabou gerando complicações acadêmicas e grande tristeza.

“Não tem muitas de mim na universidade e dependendo do cenário sou a única. Desde o início do curso tenho muita dificuldade para socializar então não conheço muitas pessoas logo algumas vezes acabaram me deixando sem informação e eu acabei perdendo aula me senti muito mal, pois se não me viram lá porque não me disseram que as aulas haviam voltado” (Lélia Gonzales, 20 anos).

Não conseguir ser visto dentro do ambiente acadêmico pode acabar gerando complicações dentro do mesmo, uma vez que é necessário a criação de vínculos para resoluções de problemas, busca de informações e segurança. É necessário a produção de redes de apoio para que a voz tenha mais força e visibilidade.

Há uma cor no Brasil que as pessoas estão apenas de corpo presente – a cor está ali, porém não é notada, ninguém vê e não tão pouco alguém se interessa. Todos sabem que está ali, mas não há valorização, reconhecimento ou algo que identifique que esta pessoa/cor é importante, é querido e está viva (COELHO, 2007).

A manifestação de preconceitos, estereótipos e discriminações gera “situações de violência física e simbólica, que produzem marcas psíquicas, ocasionam dificuldades e distorcem sentimentos e percepções de si mesmo” (Silva, 2004, p. 130). Silva (2004), também nos traz que no momento que a percepção de si é internalizada de forma negativa, ocorre a pressão emocional, que pode ser percebida ou lida como perturbação do pensamento e do comportamento. Neste momento, a pessoa sente-se inferior, constrangida; e por fim acaba por se isolar e tem suas atitudes compreendidas como timidez ou agressividade.

Uma das participantes refere que dialogar sobre questões raciais dentro da universidade seria uma “ladainha”. Além de haver a sensação de normalidade onde refere apenas mais uma e não “aquela”:

“Aquela coisa de que quando abordam questões raciais sempre pedem meu relato ou de meus colegas, a mesma ladainha. Mas creio que no restante dos ambientes da universidade me passa a sensação de normalidade mesmo, apenas mais uma e não “aquela” (Ângela Davis, 20 anos).

Há um cansaço na fala da participante para discussões sobre racismo, uma vez que ela sempre é requisitada para falar, ficando entendido de que as pessoas podem fazer suas buscas de informação e compreensão.

A população negra que ingressa nas universidades públicas através de cotas raciais frequentemente se depara com uma estrutura acadêmica e científica que, apesar de alguns esforços e exceções, ainda não está devidamente preparada para recebê-los. Portanto, a

tarefa de transformar esse ambiente tem sido e continua sendo um desafio. Isso não se aplica somente aos estudantes negros que ingressam nessas instituições, mas também a qualquer pessoa que esteja comprometida com a prática efetiva do antirracismo (SOARES; SILVA, 2021).

Sentir-se solitária, subestimada e sobre os efeitos dos estigmas do racismo e do machismo também estão presentes dentro das percepções das mulheres negras. Além disso, foi referido que há momentos em que se é preciso mostrar-se capaz, inteligente e merece estar neste meio.

“Me sinto subestimada, onde em decorrência dos estigmas do racismo e do machismo, se constrói um lugar onde parece que nada que produzo intelectualmente é o suficiente”. (Audre Lorde, 24 anos).

“É um processo extremamente solitário, foi difícil ao longo desses 6 anos de faculdade ser a única negra da sala de aula. Por diversas vezes, precisei mostrar que sou capaz, mostrar que sou inteligente e que mereço estar ali.” (Viola Davis, 24 anos).

Este aspecto das falas merece atenção, uma vez que o lugar que elas estão ocupando já é um lugar de destaque e estão ali por competência própria. Infelizmente o sistema branco patriarcal faz acreditar ao contrário. Góis (2008), nos convida a criticar este sistema e afirma que as mulheres negras são destinadas a pertencer um local de menor valorização dentro da sociedade. Mesmo após depois de libertas ainda não conseguiram alterar de modo pleno o seu status dentro do mundo do trabalho, este fato guarda a mulheres condições de sobrevivência e trabalho muito precárias dentro da nossa sociedade.

Não se sentir à vontade de dialogar sobre as percepções de ser uma mulher negra dentro do ambiente acadêmico também é uma situação que gera incomodo, mesmo que isso tente ser realizado com outra pessoa negra:

“Me sinto excluída por mais que tenha a minha colega que é negra também não gosto de dialogar pois é uma situação que me gera incômodo” (Thaís Araújo, 24 anos).

“XXXXX” (Lélia Gonzalez, 22 anos).

O silenciamento das mulheres negras é exposto mais uma vez, já que ao realizar o diálogo sobre a experiência de ser uma negra acadêmica traz à tona situações desconfortáveis das quais já ocorreram dentro do ambiente acadêmico, local onde teoricamente seria de prestígio.

Grada Kilomba (2010) nos traz a ideia de “máscara do silenciamento”, esta é efeito do colonialismo pois o colonizador – pessoas brancas – não estavam disponíveis para ouvir o que as pessoas negras revelavam, os mesmos tinham medo. Então para que não fosse necessário que as pessoas negras fossem escutadas era colocado uma máscara na boca para silenciá-las. Esta máscara ainda é presente na vida de algumas pessoas negras, por mais que não seja no sentido literal da palavra.

2.3 FORMAS DE SOLIDÃO: EXPERIÊNCIAS NO AMBIENTE ACADÊMICO

Uma graduanda referiu que observa como são as pessoas negras de outros cursos e nota que estas são sempre reclusas ou têm um grupo de amigos reduzidos. A mesma relata ter um comportamento de autossuficiência na faculdade, porém percebe algumas pessoas a observam com certa pena dentro da universidade.

“As pessoas negras que vejo no campus são de outros cursos. E percebo que elas são mais reclusas ou possuem grupos reduzidos de amigos. Eu tenho um comportamento autossuficiente na faculdade ontem não me sinto mal nem triste por estar sozinha em diversos momentos. Mas percebo que as pessoas que olham quando estou assim, olham com certa pena.” (XXXXXXX, 21 anos).

Ao analisar o discurso desta aluna podemos notar também o comportamento de mascarar seus sentimentos da forma de maneira de não agir como se não precisasse de ninguém e acreditar que as pessoas negras são solitárias em toda a universidade.

Em geral, muitos negros passaram a acreditar que ser capaz de controlar suas emoções é uma qualidade positiva. Durante anos, a capacidade de esconder e disfarçar seus sentimentos foi vista como sinal de uma personalidade forte. Muitas mulheres negras não têm coragem de pedir ajuda porque isso é sinal de fraqueza. Precisamos nos libertar desse condicionamento (COELHO, 2007).

Segundo Djamila Ribeiro (2017) quando falamos do direito a uma existência digna, estamos falando sobre a voz que estamos falando; estamos falando sobre trajetórias sociais. Ou seja, de status social pronunciado, quantos lugares negados e silêncios impostos pela natureza colonial do poder dificilmente transcende a lógica do conhecimento hierárquico.

Nos relatos abaixo, uma das acadêmicas refere que sentiu exclusão quando uma professora negra saiu do coletivo o qual ela era integrante e passou a ser coordenado por professora branca – esta mudança gerou acusações dirigidas a ela. Outra participante referiu que se sente sozinha e pouco compreendida dentro do ambiente acadêmico tanto quanto professores quanto colegas, acredita que seja em decorrência da carência de professores e colegas negros. Uma participante também relata não se sentir merecedora de estar no local e observa que as pessoas pretas que existem dentro da universidade não formam círculos de amizade.

“A maior forma de solidão que eu já senti foi quando saí de um grupo coordenado por uma professora negra e fui para outro coordenado por uma professora branca em busca de um maior aporte teórico da psicologia, e isso resultou em exclusão por parte de alguns alunos e acusações dirigidas a mim” (Dandara dos Palmares, 24 anos).

“Muitas vezes me sinto sozinha e pouco compreendida no ambiente acadêmico, seja pelos professores ou colegas. Acredito que a falta de professoras e colegas negras dentro da universidade é um dos principais motivos para me sentir assim” (Ângela Davis, 20 anos).

“Primeiramente não tem muitas pessoas como eu e se tem raramente estamos juntos, também mesmo estando na universidade não me sinto realmente merecedora, não vejo professoras como eu” (Lélia Gonzales, 20 anos).

A carência de pessoas negras dentro da universidade dentro de pessoas também é uma das maneiras de solidão experienciada por mulheres negras, tanto quanto professoras, quanto alunas para que se forme um círculo de amizade.

O grande desafio das ações afirmativas é a representatividade, ocupando espaço nas universidades públicas, assumindo papéis historicamente usurpados por um país que tem o racismo no centro de sua estrutura e história. As ações afirmativas pedem espelhos negros em todas as áreas do conhecimento, em todos os lugares de poder, as estruturas institucionais precisam urgentemente quebrar seu contrato narcísico para que esses espaços sejam movimentados, não apenas por causa da doença dos negros, assim chamados porque as ações afirmativas são a Chamadas contra o racismo são caras e necessárias (COSTA, 2021).

Foi referido nas respostas abaixo que não se sente única por duas graduandas, mas com suas diferenças: a primeira graduanda relata que há momentos ela gostaria de conversar com alguém sobre isso, mas sente que ninguém a entenderia; já a outra refere que vê estamos ocupando espaços dentro da universidade.

“As vezes quero conversar com alguém sobre isso mas parece que ninguém vai me entender, hoje morando com outras pessoas de fora sinto que não sou a única, mas no início da graduação essa solidão me afetou muito” (Viola, 20 anos).

“Não me sinto única, pois vejo que cada mais estamos ocupando espaços dentro da universidade” (Lupita Nyong'o, 23 anos).

O sentimento de não ser única dentro desse espaço também é presente para algumas mulheres negras. Lopes e Gonçalves (2022), em seu artigo " Oh, aqui também a gente está chegando!" referem-se ao fato de que, para parcela significativa de negros, a ascensão social vem após anos de dedicação ao aprendizado. Esta é a única conquista pessoal e profissional que ninguém pode tirar de ninguém, pois o conhecimento tem o poder de mudar vidas, principalmente daqueles que antes não tinham acesso a tal conhecimento por fatores históricos.

Uma das acadêmicas refere que a universidade dá entrada a estudantes negros, mas não os acolhem ela dialoga também que grande parte de suas colegas negras desistiram ou reprovaram e se questiona o motivo. Além disso, ela refere que não sente que a universidade seja acolhedora para a luta e necessidades de mulheres negras.

“A universidade dá entrada para os estudantes negros através das cotas mas não os acolhe, por exemplo a maior parte de minhas colegas que reprovaram ou desistiram eram negras, fico me perguntando por qual motivo? Não sinto que a universidade seja acolhedora para lutas e necessidades de mulheres negras” (Lupita Nyong'o, 23 anos)

“Me sinto apenas mais um número, que talvez entre para a estatística de cotistas, pois não me sinto valorizada.”(Vanessa Chaves, 21 anos).

Traz-se aqui uma reflexão sobre as cotas raciais – elas são essenciais para a população negra – porém é necessário que a maneira de ensino e acolhimento sejam realmente

efetivos para pessoas negras permanecerem no ambiente acadêmico não apenas adentrar no mesmo, sendo apenas estatística.

O acesso ao ensino superior é apenas um passo nos desafios enfrentados pela juventude negra sem tradição universitária. O próximo passo diz respeito à permanência, que consideramos ser de dois tipos: a permanência material, que requer condições materiais objetivas para a vivência universitária, como dinheiro para alimentação, moradia, transporte, aquisição de equipamentos, bibliografia sobre aquisição material, etc.; e uma forma simbólica de persistência, relacionada à persistência do indivíduo no ensino superior, que possibilita a transformação, o compartilhamento com os pares e o pertencimento ao ambiente universitário (SANTOS, 2009).

No questionário aplicado para as participantes foram exemplificadas maneiras de solidão da mulher negra dentro do ambiente acadêmico. Os exemplos dados foram “você estar na universidade, mas não sentir que tem uma relevância significativa neste ambiente”. Podemos ver com as afirmações abaixo que as meninas experienciam o sentimento de não relevância:

“Exatamente o que ta escrito na descrição, a questão de ter que sempre muito bom em tudo a todo momento” (Ivone Lara, 24 anos).

“Exatamente o mesmo do exemplo” (Marielle Franco, 24 anos)

Podemos analisar que as pessoas não são relevantes para a sociedade branco patriarcal. Lourenço (2021), em seu texto sobre as mulheres negras no mercado de trabalho, analisa como as mulheres negras são discriminadas na sociedade de diversas formas, devido a sua grande dificuldade de conseguir trabalho, desenvolvimento de atividades, desigualdade de salários e cargos. Também é importante destacar que, devido a uma série de fatores, inclusive de classe social, as mulheres negras têm grande dificuldade em obter educação superior, o que leva a empregos mais precários e salários mais baixos.

Nos discursos abaixo algumas alunas referem sentimentos de: desgaste, solidão, silenciamento, invalidação e não pertencimento:

“Ser duvidada da minha capacidade enquanto mulher negra, tem vezes que conversam sobre coisas e acreditam que até eu não entendo. É desgastante para mim, me vejo sozinha por ser uma das poucas negras da minha turma. E sinto que para provar que sou útil e que sei fazer algo preciso me esforçar 2 vezes mais que um colega branco e homem por exemplo” (Thaís Araújo, 24 anos).

“Ser a única aluna negra né, é bem complicado, não me sinto escutada e nada que eu falo acho que seja relevante.” (Laudelina Silveira, 22 anos).

“Em uma aula de estudo de caso onde me empenhei de madrugada para concluí-lo e em sala de aula não deixavam eu fazer os comentários colegas, mas professora também não se empunha, como se minha voz não tivesse vez.” (Ana, 23 anos).

“Posso afirmar que mesmo assim nos invalidam, eu mesma já foi mencionado que não teria característica de enfermeira e fui uma vez taxada de agressiva algo que é um estereótipo que acompanha a mulher negra algo que em momentos me gera a

sensação de não pertencimento como se eu não pudesse estar ali” (Lupita Nyong'o, 23 anos).

Não terem suas dores escutadas e o sentimento que suas vozes não são ouvidas são uma realidade para algumas mulheres negras, até dentro da sala de aula. O sentimento de invalidação, não pertencimento são realidade para algumas alunas. Além disso, algumas alunas negras têm suas capacidades duvidadas. O estereótipo de agressivas e a sensação que não deviam estar ali também são existentes.

As pessoas negras invisíveis para a produção de conhecimento possuem o estigma identitário, construído a partir de suas relações sociais e preconceitos relacionados a suas diferenças, sendo assim subalternos nestes espaços. Esta invisibilidade é uma maneira de opressão naturalizada, por este motivo é importante visibilizar as experiências de pessoas negras, mulheres, pobres e os demais invisíveis. As categorias de gênero, raça e classe nesse processo de invisibilidade social determinados grupos, se faz essencial, uma vez que esses passaram por processos cristalizados na sociedade, não sendo considerados os fatores históricos que impossibilitam o acesso e a permanência desses na educação (ALCÂNTRA; SILVA JUNIOR, 2020).

Quando falamos de mulheres negras, a situação é ainda pior porque estamos na base da estrutura socioeconômica brasileira, o que nos coloca em uma posição mais precária. Mesmo que consigamos conquistar as áreas destinadas aos brancos, a luta continua. O ensino superior é um verdadeiro desafio para os homens negros, mas o desafio é ainda maior para as mulheres negras (COSTA, 2021).

Além de acreditarem não serem atraentes para ninguém neste ambiente onde acabam não participando de momentos de flerte por exemplo:

“Eu estudo no capão do leão, dai a maioria dos alunos aqui do campus são brancos. Me sinto mal quando estão em situação de flerte e conversa nesse ambiente, eu nunca fui atraente pra ninguém aqui, sempre sou piada” (Laudelina Silveira, 22 anos).

“A função de ser alvo das brincadeiras relacionadas à aparência, não me sentir atraente, capaz de ser amada” (Vanessa Chaves, 21 anos)

“Solidão em alguns trabalhos e provas, solidão afetiva nos churrascos das turmas (sempre de vela)” (Viola Davis, 24 anos).

“Ao construir trabalhos de equipe,” (Audre Lorde, 24 anos).

É possível notar que as diversas faces da solidão da mulher negra aparecem neste ambiente. Nestes exemplos identifica-se a solidão amorosa, onde a mulher negra não se vê capaz de se relacionar com o outro e sentir-se capaz de estar em um relacionamento amoroso. Traz-se à tona da complexibilidade da universidade para vida da mulher negra, onde ela sofre todos os tipos de solidão.

A sociedade está condicionada a agir de maneira patriarcal, um desafio/problema para mulheres negras, pois conforme Cheikh Anta Diop, historiador negro e antropólogo, a

etimologia deste problema “ocorre não somente pela cor, mas também pelo seu gênero que dentro da perspectiva genealógica europeia não possui valor a não ser o da reprodução e peso que o homem deveria carregar sobre suas costas” (2014, p.129).

Do ponto de vista branco hetero-patriarcal a mulher negra pertence ao local de solidão, de não poder ser capaz de amar a si e aos outros. Não obstante, bell hooks (2018) afirma que o ato de amar e ser amada é revolucionário para uma mulher negra, e por isso é tão perigoso para a branquitude o seu poder de escolha.

A solidão afetiva já foi abordada brevemente neste trabalho, voltaremos nossa atenção neste momento para refletir sobre a solidão de maneira acadêmica, esses discursos não nos levariam a refletir sobre como a sociedade vê a mulher como um ser incapaz de produzir conhecimento?

Vivendo em um sistema patriarcal e colonial, as mulheres, principalmente as negras, são importantes contribuição histórica para a criação do conhecimento. Torna-se necessário desconstruir o conceito de conhecimento universal, ou seja, sujeito universal, que se conforma com generalizações forçadas e apaga outras experiências. Pesquisas à parte, também é importante resgatar esse poder feminino e negro de produzir conhecimento, muitas vezes desacreditado (SILVA; RODRIGUES, 2022).

3. CONCLUSÃO

Dentro do ambiente acadêmico as mulheres negras experienciam a solidão. Com os relatos foi possível analisar que as mesmas se sentem indesejáveis, têm suas capacidades duvidadas, enfrentam dificuldades financeiras, possuem dificuldades de formar grupos, possuem carência de encontrar pessoas seus pares (pessoas semelhantes a si). Estes problemas emergiram uma problemática ainda não superado no Brasil: o racismo como estrutura de poder derivada de uma categoria social que exclui e mata corpos e mentes negras em diferentes espaços.

Mesmo assim as mulheres negras são (re)existências dentro do ambiente acadêmico. Acredita-se que seja neste ambiente que iremos criar um novo protagonismo e podemos ver isso com o discurso de algumas meninas negras nos resultados da pesquisa. Espero que com o passar dos anos nós estejamos em número equivalente dentro deste ambiente e este se constituía como um espaço de liberdade.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Monaliza Silva; SILVA JÚNIOR, Paulo Roberto. Uma investigação sobre as trajetórias de mulheres negras na universidade pública. **Amazônica-Revista de Psicopedagogia, Psicologia escolar e Educação**, v.25, n. 2, jul-dez, p. 127-163, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/7767>
- COELHO, Wilma Nazaré Baía. Só de corpo presente: o silêncio tácito sobre cor e relações raciais na formação de professoras no estado do Pará. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, p. 39-56, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/WGRkJKRqRqHfkTv4D7Z75hF/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 5 nov. 2022
- COSTA, Caíco Barbosa et al. Ocupar a universidade: experiências afirmativas e transformações políticas. **Psicologia em Revista**, v. 27, n. 2, p. 647-667, 2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/28999/19978>.
- DIOP, Cheikh Anta. A unidade cultural da África Negra: Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica. **Edições Pedagogo**, 2014.
- GOÍIS, João Bôsko Hora. Quando raça conta: um estudo de diferenças entre mulheres brancas e negras no acesso e permanência no ensino superior. **Rev. Estud. Fem.**, vol. 16, n. 3, p.743-768, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300002>.
- GOMES, Nilma Lino; MIRANDA, Shirley Aparecida. Gênero, raça e educação: indagações adivindas de um olhar sobre uma academia de modelos. **Poiésis-Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 8, n. 13, p. 81-103, 2014.
- hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras / bell hooks**; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- hooks, bell. Intelectuais Negras. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 3, nº2, Florianópolis, UFSC, 1995, pp.464-478.
- IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **População negra conquista espaço no ensino superior**. 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35896.
- KILOMBA, Grada. **Plantion Memories: Episodes of Everyday Racism**. Munster: Unrast, 2010.
- LOPES, Beatriz Gouvea; GONÇALVES, Josiane Peres. Oh, aqui também a gente está chegando!" Professoras negras e representatividade racial na universidade. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/8614>.
- LOURENÇO, Letícia da Silva. **A invisibilidade da mulher negra no mercado de trabalho brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso. Repositório Institucional. UFJF. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13511> .

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DE SOUZA, Cecília. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 8ª Edição. **São Paulo: Hucitec**, p. 201-219, 2013.

PEREIRA, Camila Santos; PEREIRA, Anamaria Ladeira; POCAHY, Fernando. Mulheres negras no ensino superior: ressonâncias e (m)escrivivências. **Revista Inter Ação**, v. 46, n. 3, p. 1360-1377, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/67872> .

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017.

ROSÁRIO, Livia Verena Cunha. **"No Brasil, eu vi que a minha cor é um problema": raça, gênero e classe na trajetória de uma estudante da Guiné Bissau na universidade federal do Amapá.** Trajetórias negras na universidade [recurso eletrônico]: resistências, histórias e intelectualidades. Maringá, PR: Uniedusul. v.2. p.170-184. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/download/65648721/LIVRO_TRAJETORIAS_NEGRAS_NA_UNIVERSIDADE.pdf#page=7.

SANTOS, Anelise Schaurich dos; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Características das relações dos universitários e seus pares: implicações na adaptação acadêmica. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 17, n.1, p. 150-163, abr. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872015000100013&lng=pt&nrm=iso.

SANTOS, Dyane Brito Reis. **Para além das cotas: a permanência de estudantes negros no ensino superior como política de ação afirmativa.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/11778> .

SILVA, Camila Barbosa; RODRIGUES, Renata Vilela. **Um corpo no mundo a (r)existência da mulher negra.** UNIVAG. Centro Universitário. Psicologia, 2022. Disponível em:

SILVA, Maria Lúcia da Silva. **Racismo e os efeitos na saúde mental. Seminário Saúde da População Negra.** Universidade Federal da Bahia. 2004. Disponível em: <http://www.mulheresnegras.org/doc/livro%20ledu/129-132MariaLucia.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2022

SILVA, Rebeca Ribeiro; SOARES, Maria Raimunda Penha. Educação antirracista nas universidades públicas: novos sujeitos, velhas estruturas e demandas além das cotas. **O Social em Questão**, v. 24, n. 50, p. 179-200, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5522/552266675007/552266675007.pdf>.

Souza, Claudete Alves da Silva. **A solidão da mulher negra: sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo.** 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.